

In: *Actas do V Congresso Internacional para o Ensino de Português Como Língua Estrangeira*, Cidade de México: Universidade do México, 2001, 185-208.

**PARA A CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA-ALVO NO ENSINO DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA:
UM ESTUDO DE DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE
ABERTURAS DE NARRATIVAS***

Hanna J. Batoréo* e Inês Duarte**

0. INTRODUÇÃO

Aprender a narrar uma história significa adquirir competência narrativa, ou seja um tipo especial da competência verbal interactiva, efectuando-o num determinado meio cultural e no contexto social do dia a dia. Esta actividade visa a construção coerente de uma história, ou seja o estabelecimento de um esquema narrativo, iniciado por uma abertura (ou “setting”) e seguido de pelo menos um episódio, e resultando numa variedade de modos da utilização da linguagem. Entende-se por 'abertura', um enunciado apresentativo que introduz um novo referente em vários momentos da narrativa.

O estabelecimento da abertura narrativa constitui uma tarefa inicial indispensável na complexa construção que enfrenta qualquer falante ao planear uma narrativa. Se no processo de aquisição da língua materna se trata de uma tarefa complexa alcançada

* O presente texto constitui uma versão alargada das comunicações apresentadas pelas autoras no *XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, em Aveiro, a 1 de Outubro de 1998 e no *V Congresso Internacional para o Ensino de Português como Língua Estrangeira*, na Cidade do México, a 27 de Outubro de 1998 (Cf. referências bibliográficas). As autoras agradecem o apoio concedido pelo Instituto Camões e pela FCT através do Programa Lusitânia.

** Universidade Aberta, Departamento de Língua e Cultura Portuguesas.

relativamente tarde neste processo (Hickamnn, 1995), pressupõe-se que no processo de aprendizagem da língua estrangeira a tarefa apresentar-se-á pelo menos igualmente complexa.

Tendo em conta estes pressupostos iniciais, o presente estudo propõe-se:

- demonstrar como os falantes nativos do Português Europeu constroem as aberturas narrativas, especificando os meios sintáticos, lexicais e discursivos que para tal utilizam;
- mostrar que as aberturas narrativas são sujeitas à variação linguística dentro do diassistema, isto é, que os falantes do Português Europeu diferem dos do português do Brasil no tipo de meios linguísticos que utilizam na construção das aberturas narrativas;
- evidenciar que um falante do Português como Língua Estrangeira precisa de ter em conta não apenas a Língua-Alvo mas a Variedade-Alvo da Língua Portuguesa em aprendizagem.

1. FUNDAMENTAÇÃO LINGUÍSTICA DO ESTUDO

No que diz respeito à **fundamentação linguística** deste estudo, defende-se que, ao introduzirem referentes novos, as aberturas sejam frases de carácter apresentativo, ou seja, frases existenciais, locativas ou não-estativas com verbos inacusativos e inergativos de movimento. Espera-se, também, que a ordem de palavras das frases apresentativas em Português Europeu, uma língua de sujeito nulo e ordem canónica SVO, seja do tipo (X)VS(Y), isto é, com o sujeito que denota o referente novo em posição pós-verbal (tecnicamente, numa posição em que é assimetricamente c-comandado pelo verbo).

Estudos semânticos clássicos sublinharam a convergência na expressão da posse e da existência (vejam-se, por exemplo, Anderson, 1971 e Lyons, 1977), posição que, nos últimos anos, tem sido explicitamente defendida, por exemplo, na área da semântica cognitiva (Wierzbicka, 1996, 1998). Dentro deste enquadramento teórico propõe-se um conjunto de primitivos conceptuais, um dos quais é precisamente o de Existência e

**Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de Linguística Geral e Românica.

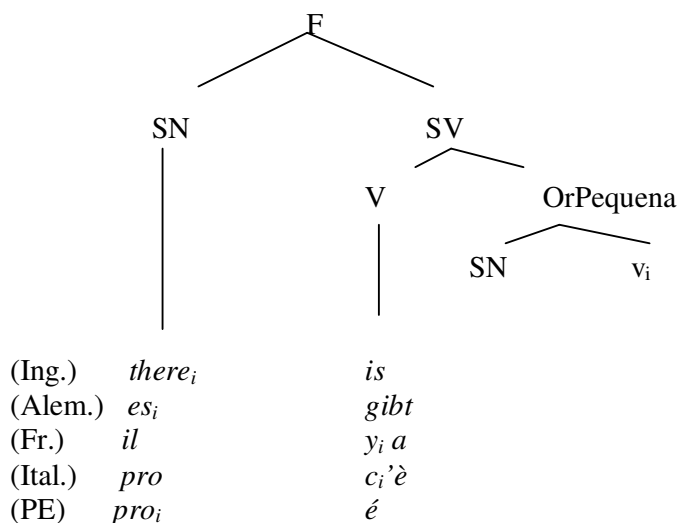
Posse. A este primitivo conceptual correspondem dois universais lexicais THERE IS e HAVE, que, por sua vez, se traduzem por quatro verbos portugueses: *ser*, *estar*, *haver* e *ter*. É de notar que as construções existenciais nas narrativas produzidas no Português Europeu se formam, principalmente, com base nos três primeiros destes verbos, enquanto o verbo *ter* é responsável pelas construções existenciais mais frequentes no Português do Brasil.

Igualmente, as análises sintácticas apontam para as aproximações entre vários tipos de existenciais, assim como entre existenciais e locativas:

“Many languages exhibit phenomena in sentences with **location denoting expressions**, as well as in **existentials**. There is a clear relation between these two, as claiming that an entity is at a certain location implies a claim that an entity exists. Small wonder, therefore, that **many languages introduce existential sentences with an adverb that is essentially a location denoting adverb**, like English *there*. It seems plausible that if a rather unspecific locational adverb is used in a locational sentence, the implication of existence interpretively takes precedence over the claim of location. Similarly, location and possession are two closely related notions (cf. *France has mountains in the east* and *In the east of France are mountains*), so that it should also not surprise us to find **existential sentences featuring a verbal expression that essentially denotes possession**, like Chinese *you*, French *il y a*, Spanish *hay*. Again, if the claim of possession is not foregrounded, the implication of existence may interpretively take precedence.” (Hoekstra e Mulder, 1990:1, sublinhados nossos).

As análises sintácticas efectuadas podem levar-nos às seguintes conclusões:

- (i) As existenciais com BE (a que no Português Europeu corresponde o verbo *ser*) são frases copulativas invertidas (Hoekstra & Mulder 1990; Moro 1997):



(ii) Existe aproximação entre as existenciais com BE (\rightarrow *ser*) e as existenciais com HAVE (\rightarrow *haver, ter*), podendo ser formuladas duas hipóteses:

(ii a) Hipótese 1: o verbo existencial de posse (no Português Europeu, verbo *haver*) é concebido como uma instância do copulativo (no Português Europeu, verbo *ser*) com uma preposição abstracta incorporada (cf. Kayne 1993, Hale & Keyser 1993, Rigau 1996). De acordo com esta hipótese, para Hale & Keyser (1993), a estrutura lexical relacional de *haver* pode ser representada de seguinte modo: [SV [V *ser*] [SPREP Loc [PREP' [PREP -] SN]]].

(ii b) Hipótese 2: como o existencial *ser*, o existencial de posse é um verbo copulativo, mas o núcleo funcional responsável pela verificação de Caso Acusativo, que não está presente nas frases com *ser*, é inserido e projectado nas frases com *haver* (cf. Moro, 1997). Veja-se, assim, o contraste entre (1) e (2):

- (1) **Eram cavalos e eram-nos em muita quantidade.*
- (2) *Havia cavalos e havia-os em muita quantidade.*

(iii) Existe aproximação entre existenciais e locativas: as locativas são consideradas frases copulativas canónicas (ordem SN V Loc) ou invertidas (ordem V SN Loc ou Loc V SN, ou seja, inversão locativa) (cf., por exemplo, Moro 1997). Considerem-se, por conseguinte, os exemplos (3) (4) e (5):

- (3) *Um cavalo estava num prado.*
- (4) *Estava um cavalo num prado.*
- (5) *Num prado estava um cavalo.*

(iv) A análise das existenciais e das locativas como frases copulativas estende-se a frases com inacusativos (p.ex., *aparecer, chegar, vir*) e verbos inergativos de movimento (p.ex., *andar, correr, passear, saltar*) (cf., por exemplo, Hoekstra & Mulder 1990, Moro 1997). Observem-se os seguintes exemplos:

- (6) *O passarinho chegou.*
- (7) *Chegou um passarinho.*
- (8) *Um cavalo corria num prado.*
- (9) *Corria um cavalo num prado.*

Além da motivação de carácter sintáctico-semântico, o presente estudo encontra também um forte estímulo em investigação linguística de carácter experimental, sobretudo na área de psicolinguística. No que diz respeito ao desenvolvimento da competência narrativa no âmbito da aquisição do Português Europeu como língua materna, apresentámos (Batoréo, 1996) uma análise de 120 narrativas provocadas, efectuadas por sessenta falantes nativos: trinta adultos e trinta crianças de três faixas etárias (cinco, sete e dez anos). Verificou-se que, para o estudo em causa, eram pertinentes quatro variáveis: (i) as características particulares da língua em análise, (ii) a idade do narrador, (iii) o tipo de história, assim como (iv) a apresentação dos protagonistas focados em cada uma das histórias contadas (consultem-se as imagens apresentadas em Anexo utilizadas como estímulos visuais na obtenção das narrativas).

2. *CORPUS* LINGUÍSTICO DAS ABERTURAS DE NARRATIVA NO PORTUGUÊS EUROPEU E ANÁLISE DOS DADOS

A partir do *corpus* das 120 narrativas produzidas no Português Europeu (Batoréo, 1996) foi delimitado um *corpus* linguístico das 332 aberturas de narrativas, metade de adultos e metade de crianças. Observem-se, seguidamente, os exemplos das aberturas de narrativas ocorridas no *subcorpus* adulto:

Exemplos das aberturas dos adultos:

- **Era uma vez** um passarinho que estava em cima do seu ninho.
- **Era uma vez** um cavalo que andava a galopar.
- **Há** um cavalo que está a correr num prado.
- **Havia** um cavaleiro que corria alegremente pelos prados.
- Do outro lado da sebe **havia** uma vaca.
- **Estava** um pássaro em cima numa árvore no ninho com os filhos.
- Em cima da cerca **está** um pássaro.
- **Andava** um cavalo **a correr** velozmente em prado verdejantes ...
- Num campo um cavalo **andava a pastar**.
- **Vem** um cavalo **a passear** num prado verdejante.

- Um cavalo **corre** nos campos.
- **Andava** o cavalo **a correr** por umas colinas ...
- Ao seu lado **vivia** um touro que tinha também uma cerca como casa.
- Um dia um jovem cavalo, quase ainda um potro, **ia a correr** por uma pradaria.
- **Aproxima-se** um gato.
- De repente **chegou** um gato.
- Entretanto **aparece** um cão.
- E do lado de lá **viu** um touro.
- **Encontra** um boi.
- O boi **chamou** um passarinho.

A análise dos exemplos acima apresentados mostra, claramente, que se podem distinguir três grandes grupos de construções nas aberturas de narrativas: as construções existenciais (introduzidas por ‘*era uma vez*’ ou pelo verbo ‘*haver*’) (cf. Tabela 1 do Anexo), as construções locativas (introduzidas por ‘*estar*’) e as construções não-estativas, introduzidas por verbos de entrada em cena (*aparecer, aproximar-se, chegar, ir, surgir, vir*) (cf. Tabela 2 do Anexo), verbos inergativos de movimento (*andar, correr, passear, galopar, saltar, subir*), verbos de encontro físico (*encontrar*) ou perceptual (*ver, olhar, avistar*) e outros (*chamar, ajudar, etc.*). A análise do *subcorpus* infantil mostra que, desde cedo, as crianças utilizam o mesmo tipo de construções, embora com características específicas diferentes das dos adultos (ver a análise apresentada mais adiante). Para ilustrar este fenómeno, comparem-se os seguintes exemplos, agrupados pelas faixas etárias em que foram produzidos (cinco, sete e dez anos):

Exemplos das aberturas aos 5 anos:

- **Havia** um cavalo a galopar
- Mesmo ao lado dele **havia** uma vaca
- **Era uma vez** um pato que estava no ninho numa árvore
- **Era uma vez** um cavalo a correr a correr a correr.
- **Está** um passarinho no ninho
- E **estava** um cão à espera dele

- **Estava** um passarinho lá
- Um passarinho **estava** no ninho com os filhinhos dele
- **Aqui é** um passarinho com filhotes
- **Aqui é** um ninho com passarinhos.
- **Aqui é** um gato
- E só **está o** gato
- O passarinho **estava** no ninho em cima de uma árvore
- **Aqui é** a mãe-passarinho ou o pai-passarinho
- **Aqui é o** cão a puxar o gato
- **Aqui é o** cavalo a querer saltar para aqui
- **Veio** um gato ao pé
- **Encontrou** um gato
- E **viu** um boi
- **O** gato **chegou**
- **Chegou o** cão
- **Chegou o** passarinho com a mala de médico
- E **o** cão **está a ver**
- Este [deíctico] **está a ver a** vaca
- **O** passarinho **estava a olhar** do ninho
- **O** cavalo **estava a correr** sempre, sempre, sempre.
- **Aqui o** gato **está a tentar subir** a árvore
- **O** passarinho **voou**
- **O** gato **quer comer** o passarinho
- **O** passarinho **trouxe** uma mala para tratar as feridas
- E **vai o** pássaro com uma mala
- E aqui **está a ir** atrás **da** vaca

Exemplos das aberturas aos 7 anos

- **Era uma vez** um passarinho que tinha posto ovinhos.
- **Era uma vez** um passarinho que estava dentro de um ninho
- **Era uma vez** um cavalinho que estava presa no campo numa quinta

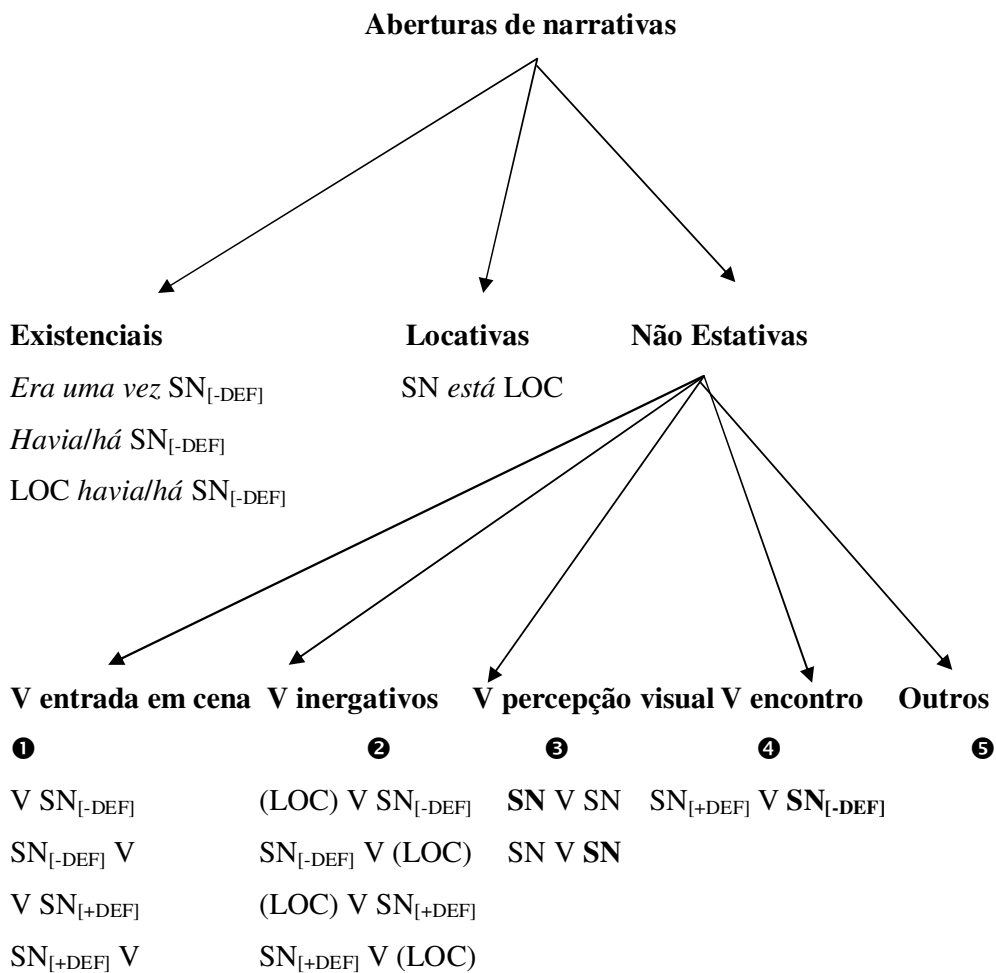
- **Era** um passarinho que estava no seu ninho a tomar conta dos seus filhos.
- **Era** um cavalo que ia a correr
- **É** um cavalo que está a correr
- **Havia** um gato a olhar para cima a ver o ninho
- **Há** um passarinho que está no ninho
- **Houve** um cão que apareceu e puxou-lhe o rabo
- Uma vaca ou boi (não sei bem) **estava** do outro lado da cerca
- E depois **estava** do outro lado da cerca
- Porque o gato **está** aqui
- **Apareceu** um gato que começou a olhar para cima
- Um cão **apareceu** e mordeu-lhe a cauda.
- E depois **apareceu** um gato
- Aqui **veio** um passarinho e uma andorinha com uma mala de hospital
- **Estava** um gato lá em baixo **a ver** os passarinhos bebés
- E um cão **estava a ver**
- E **estava** lá um passarinho **a ver**
- **Viu** um boi
- E depois um gato **olhou** para os filhotes
- Um dia um cavalo **andava a correr** pela relva
- Um passarinho **voltou**
- E depois **encontrou** um touro
- Pára para **ver** o boi
- **O** cão **estava a ver**
- Porque **viu** o cão
- **Ficou a olhar** para a vaca
- E o gato **olhou** para cima
- **O** cavalo **está a galopar** aqui
- **O** cavalo **está a correr**
- **O** cavalo que **ia a passear** viu um boi

Exemplos das aberturas aos 10 anos

- **Era uma vez** um passarinho que vivia no cimo de uma árvore e tinha tido crias
- **Era** um pássaro que estava lá muito bem no seu ninho
- **Era** um cavalo que andava a brincar
- **Era** uma vaca do outro lado da cerca a pastar.
- **É** uma vez um pintainho que estava no seu ninho com os seus pintos.
 - Um passarinho **estava** em cima de uma árvore no seu ninho
 - Cá em baixo **estava** um gato
 - **Estava** um passarinho em cima de uma árvore
 - De um lado de umas tábuas **estava** uma vaca
 - E depois **apareceu** um gato
 - **Apareceu** um gato
 - **Chegou** um gato
 - Logo uma ave muito esperta que sabia de tudo **chegou** e ...
 - E também **chega** um cão
 - **Chega** lá um gato
 - Depois **vem** um cão
 - **Veio** um pássaro com uma caixa de enfermagem
 - **Foi** um pássaro com uma caixa de primeiros socorros
 - E um pombo que estava a ver o que se estava a passar **foi buscar** uma caixa de primeiros socorros
 - E uma vaca que estava do outro lado e uma andorinha **ajudaram** a ser tratado.
 - **Foi pedir** a um pássaro que trouxesse a caixinha de emergência
 - Um cavalo **estava a dar um passeio**
 - E um gato **estava a ver** o que se passava
 - E **viu** um boi
 - E **encontrou** uma vaca que estava do outro lado da cerca
 - **Chegou o** cão
 - Quando **chegou o** cão, ...
 - Depois **veio o** cão e...

- O pombinho **veio** com a malinha
- Depois **a** vaca e **o** passarinho **vieram**.
- O gato, quando viu a galinha a voar para ir buscar comida, **começou a olhar** para as crias
- E **o** cão no momento **vê-o**

Com base no *corpus* das aberturas constituído propõe-se, seguidamente, uma tipologia das construções nelas ocorrentes:



- ❶ *aparecer, aproximar-se, chegar, surgir, vir, ir*
 ❷ *andar, correr, passear, saltar, subir*
 ❸ *ver, avistar*
 ❹ *encontrar*

⑤ *puxar, miar, ajudar, etc.*

Das 332 aberturas narrativas estudadas, metade constituíram as aberturas do *corpus* adulto (167) e a outra metade as do *corpus* infantil (165), sendo este representado equitativamente por cada uma das faixas etárias estudadas:

5 anos	-	56 aberturas narrativas (16, 87% do total)
7 anos	-	55 aberturas narrativas (16, 57% do total)
10 anos	-	54 aberturas narrativas (16, 27% do total).

Todos os falantes, independentemente da faixa etária, mostraram uma clara predileção pelas aberturas não-estativas (cf. Tabela 2 no Anexo), seguindo-se-lhes as aberturas existenciais (cf. Tabela 1 no Anexo) e, depois, as locativas. De entre o total das 332 aberturas narrativas, 190 (ou seja, 57,23%) foram de carácter não-estativo, 79 existenciais (23,8 %) e 63 locativas (18,98%), embora as percentagens de preferência em cada uma das faixas etárias variem substancialmente. Assim, os adultos preferem as aberturas não-estativas (92) às existenciais (40) e às locativas (35). As crianças dos 5 anos preferem igualmente as não-estativas (30) às locativas (19) e às existenciais (7), enquanto as mais velhas optam por uma ordem de preferência: não-estativas > existenciais > locativas. Assim, as de 7 anos preferem as não-estativas (35) às existenciais (16) e às locativas (4), mantendo-se quase o mesmo quadro para as de 10 anos: 33 não-estativas, contra 16 existenciais e 5 locativas.

Tendo em consideração a variável **idade**, pode concluir-se que todo o repertório de construções de aberturas narrativas está disponível aos 5 anos, embora a especialização semântico-discursiva das mesmas não esteja ainda totalmente adquirida. Contudo, aos 5 anos, tanto o esquema estrutural, como a especialização semântico-discursiva de algumas construções estão já adquiridos: é o que acontece com as frases existenciais (que ocorrem invariavelmente como copulativas invertidas com um SN [DEF]) e com as frases locativas com *estar* (que ocorrem como copulativas ora canónicas ora invertidas).

Como esperado, no **processo de desenvolvimento** da Gramática atingida aos 5 anos até à Gramática-alvo, as mudanças não ocorrem simultaneamente, nem de modo linearmente previsível. Os dados mostram que, relativamente à Gramática-alvo, o desenvolvimento se processa por sucessivas reestruturações, como se de fases de “avanço e recuo” se tratasse. Verifica-se que os jovens falantes: (i) ora testam a

utilização de estruturas permitidas pela Gramática em contextos que a Gramática-alvo não permite, (ii) ora restringem o uso de outras, contrariamente ao que a Gramática-alvo determina e eles próprios utilizavam em estádios anteriores de desenvolvimento.

Verifica-se, por conseguinte, que o processo de desenvolvimento observado pode sintetizar-se em função da tipologia proposta, por um lado, e em função do estádio do desenvolvimento em que o narrador se encontra, por outro. Assim, **segundo o tipo de construção utilizada** podemos observar que:

- (i) Independentemente da faixa etária, em todas as **construções existenciais** – que constituem quase um quarto de todas as aberturas narrativas - ocorrem apenas expressões indefinidas;
- (ii) No grupo das **locativas** e das **não-estativas** ocorrem tanto expressões definidas como indefinidas, surgindo as primeiras em número cada vez mais limitado no processo da aquisição para ocorrer, no grupo adulto, apenas em 10% das aberturas locativas e em 25% das aberturas não estativas;
- (iii) No grupo das **não-estativas**, as crianças de 5 anos preferem claramente os verbos de movimento (40% das ocorrências nesta faixa etária). As crianças de 7 anos dão preferência aos verbos de percepção visual (igualmente 40%), enquanto as crianças de 10 anos apresentam já tendências adultas ao privilegiar os verbos inacusativos de entrada em cena (mais de 50% de todas as ocorrências das aberturas não-estativas nesta faixa etária). Embora esta tendência se mantenha nos adultos, as percentagens alteram-se, surgindo quase 40% de aberturas com verbos inacusativos de entrada em cena, 26% com verbos de percepção visual, 12% com verbos de movimento, 3% com verbos de encontro físico e cerca de 18% com outros verbos.

Se a observação for efectuada **segundo a variável idade**, conclui-se que:

- (i) **Aos 5 anos**, verifica-se o processo de perda da deixis, i.e., o processo de um progressivo domínio da narrativa como modo linguístico não ancorado no *eu-aqui-agora* do discurso. Repare-se que em ainda mais de metade dos enunciados surge a construção semi-deíctica tanto indefinida como definida do tipo *aqui é SN* como em: *Aqui é um ninho com passarinhos* ou *Aqui é o cão a querer puxar o gato*;
- (ii) **Aos 7 anos**, constata-se o domínio da correlação entre introdução de um referente novo e utilização de sintagmas nominais indefinidos, tal como a

testagem (limitada, em apenas 2,5 por cento de ocorrências) de construções existenciais com verbos pessoais de posse (*ter*);

- (iii) **Aos 10 anos**, observa-se a restrição das construções existenciais do tipo *era uma vez* às construções com o verbo *ser* => *era uma vez* SN/ *era* SN (quase dois terços de todas as ocorrências dos 10 anos), assim como a surpreendente total ausência das expressões com o verbo *haver*, ocorrentes em todas as outras faixas etárias.

Em função da análise efectuada, chegamos às seguintes **conclusões**:

1. Todo o repertório de construções está disponível aos 5 anos, embora a especialização semântico-discursiva das mesmas não esteja ainda totalmente adquirida;
2. Contudo, aos 5 anos, tanto o esquema estrutural, como a especialização semântico-discursiva de algumas construções estão já adquiridos, tal como se verifica em:
 - Frases existenciais (copulativas invertidas com um SN_[-DEF])
 - Frases locativas com *estar* (copulativas canónicas e invertidas);
3. Como esperado, no processo de desenvolvimento da Gramática atingida aos 5 anos até à Gramática alvo, as mudanças não ocorrem simultaneamente. Os dados mostram que, relativamente à Gramática alvo, o desenvolvimento se processa com fases de sucessivas reestruturações. Os jovens falantes:
 - ora testam a utilização de estruturas permitidas pela Gramática em contextos que a Gramática alvo não permite
 - ora restringem o uso de outras, contrariamente ao que a Gramática alvo permite e eles próprios utilizavam em estádios anteriores de desenvolvimento.
4. O processo de desenvolvimento observado pode sintetizar-se do seguinte modo:

Aos 5 anos:

 - processo de **perda da deixis**, i.e., processo de um progressivo domínio da narrativa como modo linguístico não ancorado no *eu-aqui-agora* do discurso;

Aos 7 anos:

- domínio da correlação entre **introdução de um referente novo e utilização de SN's não definidos**;
- **testagem de construções existenciais com verbos pessoais de posse (*ter*)**;

Aos 10 anos:

- **restrição das construções existenciais do tipo *era uma vez* às construções com o verbo *ser* => *era uma vez* SN/ *era* SN.**

3. ABERTURAS DE NARRATIVAS NO PORTUGUÊS EUROPEU E NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Quanto à variável '**língua particular em estudo**', verifica-se que ao nível do diassistema da língua portuguesa se regista alguma variação nas aberturas narrativas. A análise dos dados reunidos por Guimarães (1994)¹ mostra que tanto do ponto de vista do desenvolvimento quanto da Gramática-alvo surgem diferenças.

Nos **adultos**, predominam aberturas existenciais com *ser* e com *ter*, locativas e não estativas com inergativos:

- *Tinha um passarinho no ninho*
- *Era uma vez um lindo cavalinho que passeava pelo parque.*
- *Era uma vez um passarinho.*
- *Mamãe passarinho estava no ninho com os seus filhotes.*
- *O passarinho está no ninho com os filhotes e...*
- *O cavalo está andando pelo gramado e...*
- *Um dia um cavalo passeava pela floresta,...*

Como os exemplos acima sugerem, a **Gramática adulta** dos falantes do Português do Brasil reserva as frases apresentativas (i.e., com a ordem (X)VS(Y)) para as aberturas

¹ Todos os exemplos do Português do Brasil que se seguem foram retirados desta fonte.

existenciais, preferindo a ordem (X)SV(Y) nos restantes tipos de aberturas, contrariamente ao que vimos acontecer na Gramática adulta dos falantes do Português Europeu. Por outras palavras, com excepção das aberturas existenciais, o referente novo é preferencialmente apresentado como tópico, em posição pré-verbal, o que explicará porventura que ocorra frequentemente afectado de determinação definida.

Do ponto de vista do desenvolvimento, surgem igualmente diferenças entre o Português Europeu e o português do Brasil. Assim, na faixa etária dos **5 anos**, as construções existenciais com *ser* não estão ainda adquiridas, ocorrem existenciais com *ter* e observam-se dois tipos de aberturas ausentes no *corpus* do Português Europeu, frases não finitas e construções de Deslocação à Esquerda de Tópico Pendente:

- *Era um dia. O cavalo (es)tava correndo.*
- *Uma vez o cavalinho, e ele corria...*
- *Um dia tinha um passarinho no ninho*
- *Um cavalo indo pra uma fazenda*
- *Um passarinho voando e...*
- *O cavalo, um jardim com flores.*
- *Cavalo, o cavalo viu uma vaca.*

Na faixa etária dos **7 anos**, predominam as construções existenciais com *ser*, quer na versão mais compacta com relativa ou gerundiva, quer na versão mais simples, típica das línguas germânicas, e as locativas:

- *Era uma vez um cavalinho que estava caminhando no campo.*
- *Era uma vez um cavalo galopando.*
- *Era uma vez um cavalo.*
- *Era uma vez um passarinho.*
- *Um passarinho estava no ninho quando chegou um pato.*
- *Um passarinho estava no seu galho.*

Na faixa etária dos **10 anos**, as aberturas dispersam-se entre existenciais com *ser* e *haver*, locativas e não estativas com inergativos:

- *Era uma vez um cavalo que morava numa fazenda de uma agricultor...*

- ***Há** um cavalo que (es)tá num campo...*
- *Um cavalo **estava** numa fazenda e foi pular a cerca*
- *O cavalo (es)tá **andando**.*

Note-se igualmente que, **independentemente da faixa etária**, o verbo mais frequentemente utilizado nas aberturas existenciais de posse é **ter** e não **haver**:

- *Aqui **tem** um cavalo correndo. (5 anos)*
- ***Tem** um cachorro e passarinho na árvore. (5 anos)*
- *(...) e **tinha** o cachorro que puxou o gato pelo rabo. (7 anos)*
- *Aqui **tem** uma árvore e nessa árvore **tem** um ninho. (10 anos)*
- ***Tem** um passarinho. (adulto)*
- *(...) **nem** percebeu que **tinha** um gato por perto. (adulto)*

As diferenças observadas mostram que **no ensino de Português como língua estrangeira** têm de ser consideradas **duas Gramáticas-alvo distintas**, se se pretende que o ensino da língua estrangeira corresponda à realidade linguística e psico-sócio-cultural que caracterizam a variante europeia e a variante brasileira.

4. ABERTURAS NAS NARRATIVAS PRODUZIDAS POR APRENDENTES DE PORTUGUÊS EUROPEU COMO LÍNGUA 2

O *corpus* das aberturas narrativas de falantes nativos do Português Europeu foi comparado com dados de aberturas provenientes das narrativas produzidas por falantes de diversas línguas maternas, aprendentes do Português Europeu como L2. Os falantes eram alunos do nível superior do Curso do Português como língua estrangeira na Universidade de Lisboa no ano lectivo de 1996/97, tendo tido pelo menos três anos do Português como disciplina curricular no ensino médio/universitário. Foram analisadas narrativas produzidas por 13 falantes com diferentes línguas maternas: alemão (da Áustria e da Alemanha), castelhano (do México e de Espanha), checo, eslovaco, estoniano, francês (de França e do Congo), japonês, mandarim, neerlandês e romeno.

A não representatividade dos dados apenas permite algumas considerações exploratórias.

Agrupando as aberturas em função da classificação tipológica das L1, e fazendo abstracção dos erros morfológicos, sintácticos e lexicais, encontramos as seguintes regularidades:

1. **Línguas românicas:** em início absoluto, ocorrem aberturas com construções existenciais, locativas e não estativas com inergativos. No primeiro caso, os falantes produzem frases apresentativas, enquanto nos dois últimos preferem frases com a ordem (X)SV(Y). Em todos os casos o referente novo é denotado por uma expressão nominal indefinida:

- *Era uma vez um cavalo que andava a passear pelo campo e...*(Romeno)
- *Era uma vez um ave que vivia sossegado num arvre com ninho* (Francês, França)
- *Um pássaro estava no ninho, cuidando dos filhinhos.* (Castelhano, Espanha)
- *Um dia um cavalo andava a passear e...* (Castelhano, México)

2. **Línguas germânicas** — em início absoluto, alternam aberturas em que o referente novo é apresentado como tópico e definido com aberturas não estativas com inergativos e a ordem SV(X):

- *O Manuel, o cavalo do senhor Pinto, era muito bom amigo da vaca Maria que tinha outro dono, o senhor da Cruz.* (Neerlandês)
- *Um cavalo corre através de um campo onde há muitas flores e...* (Alemão, Áustria)

3. **Línguas eslavas** — em início absoluto, ocorrem aberturas existenciais com *ser* e *haver* e aberturas locativas canónicas:

- *Era uma vez um cavalo pastando num prado.* (Checo)
 - *Em cima de uma árvore havia um ninho cheio de passarinhos com a sua mãe a guardá-los.* (Checo)
 - *Um pássaro estava no seu ninho e...*(Eslovaco)
4. **Outras línguas** (urálicas, altaicas, sino-tibetanas) — em início absoluto ocorrem aberturas existenciais, locativas e não estativas; nos dois últimos casos, as frases apresentam a ordem canónica:
- *Era uma vez estava um cavalo no campo.* (Japonês)
 - *Um cavalo fica no quintal enorme.* (Mandarim)
 - *O pássaro estava no seu ninho na árvore.* (Estoniano)
 - *Um potro estava a correr e brincar no seu campo cheio de flores.* (Estoniano)

Note-se que nos três primeiros grupos as aberturas contêm muita informação compactada, quer através de relativas, quer de gerundivas, quer de coordenadas.

Independentemente das L1, observam-se aberturas não encontradas no corpus das narrativas dos falantes nativos do Português Europeu, em que, em início absoluto, se **introduz o fundo locativo**, focalizando-o em detrimento do protagonista:

- *Em cima dum ramo, o inferior de toda a árvore, há uma espécie de cesto feito pelo pássaro que está sentado ao bordo desta construção que aloja os ninhos, os filhos desse animal.* (Alemão, Áustria)
- *Em cima de uma árvore havia um ninho cheio de passarinhos com a sua mãe a guardá-los.* (Checo)
- *Na árvore que está no jardim da casa da avó todos os anos vêm fazer os seus ninhos os pássaros e a fronde fica cheia deles.* (Castelhano, México)

5. CONCLUSÕES

Uma análise pormenorizada das 332 aberturas narrativas ocorridas nas 120 narrativas dos 60 falantes nativos do Português Europeu comparada com o estudo das aberturas narrativas efectuado no Português do Brasil, assim como com o do Português Europeu como L2, permite-nos chegar às seguintes conclusões:

- Em todas as situações se verifica uma convergência entre as ocorrências existenciais, locativas e não-estativas. Em todas, também, a preferência é dada à introdução da informação nova, de carácter indefinido. Nos três grupos, apenas as existenciais ocorrem sistematicamente como frases apresentativas, ou seja com o referente novo colocado à direita do verbo. Contrariamente ao observado no corpus do Português Europeu L1, os dados do Português do Brasil e do Português Europeu L2 revelam uma preferência pela apresentação de informação nova como tópico, em posição pré-verbal nos restantes tipos de aberturas;
- Os quatro marcadores lexicais de existência, posse e espaço do Português - *haver*, *estar*, *ser* e *ter* – não se realizam na totalidade em nenhuma das variedades. O Português Europeu e o do Brasil utilizam *ser* nas existenciais e *estar* nas locativas, mas especializam cada um dos marcadores lexicais das existenciais de posse: *haver*, no Português Europeu e *ter*, no Português do Brasil.
- As diferenças acima referidas apontam, indiscutivelmente, para a consideração de duas Gramáticas-alvo no ensino do Português como Língua Estrangeira: Português Europeu e Português do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, J. M. (1971). *The Grammar of Case: Towards a Localistic Theory*, London: Cambridge University Press.
- BAMBERG, M. (ed.) (1997). *Narrative Development: Six Approches*, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey & London, 1997.
- BATORÉO, H. J. (1995) "Spatial Expression in Children's Narratives: a Study in European Portuguese", in I. H. Faria & M. J. Freitas (eds.) (1995) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Lisboa, APL-Edições Colibri, 191-206.
- BATORÉO, H. J. (1996). *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão Linguística - Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.
- BATORÉO, H. J. (1996a) "Spatial Relations in European Portuguese Children's Narratives", in S. Contento (ed.) *Psycholinguistics as a Multidisciplinary Connected Science*, Vol. II. Bologna, Società Editrice "Il Ponte Vecchio", 225-230.
- BATORÉO, H. J. (1998a) "Acquisition of Spatial Expression in European Portuguese Children's Narratives", in *Psychology of Language and Communication*, Vol. 2, nº 1, 47-56.
- BATORÉO, H. J. (1998b) "Language Typology and Semantic Primitive of Space: Evidence from European Portuguese", a publicar em *Actas do Primeiro Encontro de Linguística Cognitiva*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- BATORÉO, H. J. (1998c) "Children's Discourse in European Portuguese Narratives: Expression of Existence versus Expression of Action", a publicar em *Psychology of Language and Communication*, Vol. 3, Energeia, Universidade de Varsóvia, Polónia.
- BATORÉO, H. J. (1998d) "Aquisição da Competência Narrativa em Português Europeu com Especial Relevância para a Expressão do Espaço", a publicar em *Veredas*, Revista de Estudos Linguísticos, EDUFJF, Juiz de Fora.
- BATORÉO, H. J. e I. DUARTE (1998a). "Tipologia de Aberturas de Narrativas: Um Estudo de Desenvolvimento Linguístico", a publicar nas *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Aveiro 29 Set.-1 Out. 1998.
- BATORÉO, H. J. e I. DUARTE (1998b). "Para a Caracterização da Língua-Alvo no Ensino de Português como Língua Estrangeira: Competência Narrativa e Aberturas de Narrativas", a publicar nas *Actas do V Congresso Internacional para o Ensino de Português como Língua Estrangeira*, Cidade do México, 27 de Outubro, 1998.
- BATORÉO, H. J. e I. H. FARIA (a publicar). "Representation of Movement in European Portuguese". In *Child Language*, 10, Lawrence Erlbaum Associates.
- BARTLETT, F. C. ([1932]/ 1964) *Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology*. Cambridge, C.U.P.
- BATES, E. & B. MACWHINNEY (1987) "Competition, Variation, and Language Learning", in B. MacWhinney (ed.), (1987), 115-156.
- BENSON, M. (1993) "The Structure of Four- and Five-Year-Olds' Narratives in Pretend Play and Storytelling", in *First Language*, 13, 203-223.
- BERMAN, R. & SLOBIN, D. I. (1994) *Different Ways of Relating Events in Narrative: A Crosslinguistic Developmental Study*. Hillsdale, NJ.: Lawrence Erlbaum Associates.
- BLUM-KULKA, S. & C. E. SNOW (1992) "Developing autonomy for tellers, tales, and telling in family narrative-events", in *Special Issue of JNLH - Narrative development in social context*, Vol.2, Nº3, 187-218.
- BOKUS, B. (1992) "Peer Co-Narration: Changes in Structure of Preschoolers' Participation", in *Journal of Narrative and Life History*, 2(3), 253-275.
- BOKUS, B. (1996) "Narrative Space Structuring at the Preschool Age: Findings on Monologic and Dialogic Discourse Art" in C. E. Johnson and J. H. V. Gilbert (ed.), *Children's Language*, vol. 9. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 197-208.
- BOKUS, B. and G. W. SHUGAR (1996) "The Child as narrator: Choice of content known or unknown to the listener", in *Polish Psychological Bulletin*, 27_3, 217-230.

- CHIAVEGATTO, V. C., R. M. N. SOUZA, M. SILVEIRA, E. SILVA & L. B. CASSANO (1997) "Figurações na representação do espaço e do tempo em descrições de cenários", a publicar em *Actas do Encontro da GT Descrição do Português*. Rio de Janeiro.
- CHOI, S. & BOWERMAN, M. (1991) "Learning to Express Motion Events in English and Korean: The Influence of Language-Specific Lexicalization Patterns", in *Cognition*, 41, 83-121; reeditado em Levin & Pinker (eds.) (1991), 83-122.
- DUARTE, I. (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Referência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa
- DUARTE, I. (1997) "Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva", in Brito, Oliveira, Pires de Lima & Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Corpo das Letras.
- FARIA, I. H. & I. DUARTE (1989) O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu, in *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 1, 21-27.
- FERNÁNDEZ SORIANO, O. (1998). "On Impersonal Sentences in Spanish: Locative and Dative Subjects". In *Cadernos de Lingüística del I.U. Ortega y Gasset*, 5, 43-68.
- GUIMARÃES, A. M. (1994). "Desenvolvimento da linguagem da criança na fase de letramento", in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 26, 103-110.
- HALE & KEYSER (1993). *On The Complex Nature of Simple Predicators*. MIT: MS.
- HENDRIKS, H. (1993) *Motion and Location in Children's Narrative Discourse: A Developmental study of Chinese and Dutch*. PhD dissertation, Nijmegen.
- HICKMANN, M. (1995) "Discourse Organization and the Development of Reference to Person, Space and Time", in Fletcher & MacWhinney (eds.), (1995), 194-218.
- HICKMANN, M.; J. LIANG, H. HENDRIKS & F. ROLAND (1990) *The Development of Discourse Cohesion: Coding Manual*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics.
- HICKMANN, M.; H. HENDRIKS; F. ROLAND & J. LIANG (1994) *The Development of Reference to Person, Time, and Space in Discourse: A Coding Manual*. Nijmegen, Max Planck Institute for Psycholinguistics.
- HOEKSTRA, T. & R. MULDER (1990). "Unergatives as copular verbs: locational and existential predication". In *The Linguistic Review*, 7, 1-79.
- HOGUE, K. (1996). "Yiddish Existential sentences: neither? Here not there?". In Cambier-Vandeveldt, T. et al. (eds.) (1996) *Console V Proceedings*, 123-137.
- JOHN-STEINER, V. & C. PANOFKY (1992) "Narrative Competence: Cross-Cultural Comparisons", in *Special Issue of JNLH - Narrative Development in Social Context*, Vol.2, nº3, 219-234.
- KAIL, M. & M. HICKMANN (1992) "French Children's Ability to Introduce Referents in Narratives as a Function of Mutual Knowledge", in *First Language*, 12, 73-94.
- KAYNE, R. (1993) "Toward a Modular Theory of Auxiliary Selection". In *Studia Linguistica*, 47, 3-31.
- LEVIN, B. & S. PINKER (eds.) (1991) *Lexical & Conceptual Semantics*. Cambridge, Mass. & Oxford, UK, Blackwell.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT HOVAV (1995). *Unaccusativity. At the Syntax - Lexical Semantics Interface*, Cambridge, Mass. MIT Press.
- LYONS, J. (1977). *Semantics*, Vol I & II. Cambridge, C.U.P.
- MANDLER, J.M. & JOHNSON, N.S. (1987) "Remembrance of things parsed: Story structure and recall", in *Cognitive Psychology*, 9, 11-151.
- MANDLER, J. M., P. J. BAUER & L. MCDONOUGH (1991) "Separating the Sheep from the Goats: Differentiating Global Categories", in *Cognitive Psychology*, 23, 263-298.
- MENG, K. (1992) "Narrating and listening in kindergarten", in *Special Issue of JNLH - Narrative development in social context*, Vol.2, Nº 3, 235-252.
- MENG, K. & U. M. QUASTHOFF (1992) "Introduction", in *Special Issue of JNLH - Narrative development in social context*, Vol.2, nº3, 183-186.
- MILLER, G. A. & P. N. JOHNSON-LAIRD (1976) *Language and Perception*. Cambridge, Mass., Harvard University Press & London: C.U.P.
- MILSARK, G. (1974) *Existential Sentences in English*. PhD Dissertation, MIT.
- MORO, A. (1997) *The Raising of Predicates*. Cambridge, C.U.P.
- RIGAU, G. (1996) *Existential Sentences and Related Constructions in Catalan*, comunicação apresentada no LSRL XXVI, México. UAB: Ms.
- SLOBIN, D. (1989) *Factors of language typology in the crosslinguistic study of acquisition*. Ms., Department of Psychology, University of California at Berkeley.
- SLOBIN, D. (1990) *Passives and alternatives in children's narratives in English, Spanish, German and Turkish*. Ms., Department of Psychology, University of California at Berkeley.

- SLOBIN, D. I. (ed.) (1985/ 1992) *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, Vol. 1 & 2 - 1985, Vol. 3 - 1992. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- SLOBIN, D. I. (ed.) (1997) *The crosslinguistic study of language acquisition: Vol 5. Expanding the contexts*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- SMOCZYNSKA, M. (1992) "Developing Narrative Skills: Learning to Introduce Referents in Polish", in *Polish Psychological Bulletin*, 23 (2), 103-120.
- SOUSA, O. C (1996) *Construindo Histórias. Quando - Então - Depois: Marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*. Lisboa, Editorial Estampa.
- STEIN, N. L. & GLENN, C. G. (1979) "An analysis of story comprehension in elementary school children", in R. Freedle (ed.), *New Directions in Discourse Processes*, Vol. 2, 53-120. Norwood, NJ Albex.
- TALMY, L. (1975) "Semantics and syntax of motion", in Kimball (ed.) *Syntax and Semantics*, 4, 181-238. Nova Iorque, Academic Press.
- TALMY, L. (1983) "How language structures space", in: H.L. Pick & L.P. Acredolo (eds.) *Spatial orientation. Theory, research and application*. Nova Iorque, Plenum Press.
- TALMY, L. (1985) "Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms", in T.Shopen, S. Anderson, T. Givón, E. Keenan & S. Thompson (eds.) *Language typology and syntactic field work*, Vol.3, 57-149. Cambridge, Cambridge University Press.
- TOMLIN, R. W. (ed.) (1987) "Linguistic Reflections of Cognitive Events", in R.W. Tomlin (ed.), *Typological Studies in Language: Vol 2, Coherence and Grounding in Discourse*, 455-480. Amsterdam, Philadelphia, Benjamins.
- WIERZBICKA, A. (1992) *Semantics, Culture and Cognition: Universal Human Concepts*.Oxford., Oxford University Press.
- WIERZBICKA, A. (1996). *Semantics: Primes and Universals*, Oxford, New York, Oxford University Press
- WIERZBICKA, A. (1998). *Anchoring Linguistic Typology in Universal Semantic Primes*, ms.
- WILLIAMS, E. (1994). *Thematic Structure in Syntax*, Cambridge Mass. The MIT Press.